CAMPEÃO DAS PROVINCIAS

REDAÇÃO

J. E. d'Almeida Vilhena, Dr. J. M. Barbosa de Magalhães, J. A. Marques Gomes e Firmino de Vilhena

ASSINATURAS: SEM ESTAMPILHA: ANO 4$600 reis; SEMESTRE 2$350; TRIMESTRE 1$200; AVULSO 50 reis. COM ESTAMPILHA: ANO 5$140; SEMESTRE 2$650, TRIMESTRE 1$350; AVULSO 55. As assinaturas são pagas adiantadas. A circumstancia de receber o jornal sem o devolver importa responsabilidade, pela importancia do tempo porque se recebe.

PUBLICA-SE A'S QUARTAS-FEIRAS E SABADOS

Sabado 11 de dezembro de 1886

PUBLICAÇÕES. Correspondencias particulares: linha 40 reis. Anuncios: linha 30 reis; repetições 20 reis. Publicações no corpo do jornal, por linha 60 reis. Assina-se unicamente em Aveiro. As assinaturas são pagas adiantadas. Os manuscritos enviados á redação, sejam ou não publicados não serão restituidos.

NUMERO 3:543

...ossos correspondentes ...ur A. Lorette.—Rue

...OSIÇÃO ...A BERLINDA. — E O ...IGUEIRO. — ...A DA ...NSECA E BRI... — FIN... ...NCEIRA. — INS... ...RIA. — ASSOCIEÇÕES DE ...OS MUTUOS. — NOTICIAS LOCAES. ...S DIVERSAS. — NOVAS DE ...GENHEIROS CONDUTORES. — Os HEROES DA VIDA AI... — ...ÃO SECUNDARIA. — ...ARTE ARABESCOS E MI... — TELEGRAFICAL. — CARTA ...LISBOA. — ...FIA.

A OPOSIÇÃO NA BERLINDA

Porque se reuniu o e... ho d'estado ...a consulta sobre a deslocação ime... ...de um juiz, tornado pelos seus átos ...tivel com os interesses da comar... ...ios de hontem, transformados ... em partidarios faciosos, ...vocação e dissertam ...riam os mais raivo... ...tuação. E' a magis... ... lei colocou-a ...ões, e longe ...dizen... ...Uma das con... ...independencia é ...o poder executivo ...ansferindo ...s juizes es... ...s fações lo... ...nar senten... ...onsciencia, ...mais for... ...ões nos ...ndicial de ...m pronto ...a tempo á ...não se podia ...o escolhessem ...devia funcionar ...odios para ...frontada; ...olerar, que as auto... ...comarca escolhessem aquele ...zo ...is paixões para se degla... ...Segredo ao pugilato á mingoa ...es razões. E não podendo o ...fazel-o por seu arbitrio, quan... ...achava encerrado o ciclo da di... ...bedeceu ao preceito constitucio... ...lhe impunha o dever de ouvir o ...Estado, para depois deliberar ...vaveniencias publicas exigiam. ...ssim procedeu, o *Jornal da* ...pode ter-se que não lhe jo... ...s chufas, confundindo as no... ...nistração com o dever inde... ...estava o governo, de re... ...nistração civil, refundindo-a ...não só segundo os nossos ...mes, mas tambem por o que ...is util e conveniente lá fóra. ...es reparos de galhofa vão mal em ...eve ter conhecimento pleno do es... ...em que se revolvia a admi... ...aroquial, concelhia e distrital. ...r toda a parte campeava a ...ças as lacunas e defeitos do ...gente prover de re... ...ntelhos males, agravados pelo ...ia em 1880 se manifestou ...quando a regenera... ...ucionismo para evi... ...a reforma admi... ...o exemplo fazia sen... ...de deixar ao parla... ...discussão e aprova... ...geraes o re... ...iz reclamava? ...se, não só per... ...ria aproveita... ...rdo legislativo, ...ecer que não ...bem s necessida... ...inanuma questão, ...que inte... ...a paroquia, o conce... ...o e o distrito. E fazendo-o deu a co... ...hecer a grandeza e elevação do seu pen... ...amento administrativo, provou que ti... ...ha competencia para dirigir conveniente... ...mente a cousa publica, e apresentou-se sem biocos... com a firme resolução ...e acabar com o que havia de pernicio... ...na vida local.

As representações das minorias nas ...tas de paroquia e nas vereações, foi ...beneficio de imenso alcance. De ordinario disputam os pelouros da administração local duas parcialidades, e n'este empenho consomem recursos valiosos. O resultado é que a lista que d'antes obtinha apenas um voto de maioria levava a outra de vencida, ficando sem representação ...alquer das corporações o outro ...por um algarismo insignificante ...inferior na ordem numerica!

A reforma de 1886 acabou com semelhante desegualdade, que não tinha justificação, por quanto se nas comissões ...adoras se acham representadas as minorias desde 1852, não sabemos como em 1878 não se aplicou o principio ...corporações administrativas como regra de bom regimen, e bem assim porque se manteve a organisação defeituosa e insustentavel dos tribunaes administrativos de primeira instancia. Foi um erro monstruoso, que radicou mais os vicios, que era urgente extirpar, cortando por habitos inveterados, que punham a justiça ao alcanse das fações.

Se a reforma administrativa de 1886 não consignasse outros melhoramentos na nossa legislação civil, aqueles dois pontos, tão essenciaes como são, bastariam para exaltar o partido progressista, e tornar providencial a sua missão. Tirou-se a feição politica á primeira instancia dos tribunaes administrativos. Não se deixou a escolha dos juizes ás inspirações das conveniencias partidarias. Acabou a magistratura leiga, e entregou se a decisão de pleitos relativamente importantes a magistrados inamoviveis, não dependentes da acção da politica local. Alargou-se a área á jurisdição do contencioso administrativo, e fez-se ver aos interesses ilegitimos que não encontrariam ali protêção, nem seriam favoneados por considerações estranhas á verdade dos fátos e á apreciação do direito, da moralidade e da lei.

Acha ainda pouco o *Jornal da Noite* comparando tantos beneficios com o presumido aferro ás prescrições do pacto fundamental? E, tome nota, nós tambem queremos a pratica dos principios. Mas é necessario que todos os respeitem, para que não suceda como em 1880 e 1881, que por escrupulos constitucionaes os progressistas tiveram de deixar o poder, em quanto o obstrucionismo triunfava, perdendo o paiz na substituição. E vem a proposito citar o caso do brazeiro e de Filipe IV, que foi vitima da etiqueta palaciana. E porque o governo atual dispensou o concurso das côrtes ... promulgou a reforma administrativa, não se segue que este trabalho não seja bom, ou que fosse melhor depois de discutido pelas duas camaras. Os exemplos provam que os debates sobre assuntos uteis não são os mais eficazes, e custam muito dinheiro ao erario. E quando a necessidade é urgente, adiar a aplicação do antidoto, não é só erro grave, mas até crime social, quando se trata de questões de tal magnitude.

Mas a pragmatica palaciana... perdão, o preceito constitucional? Nunca a regeneração fez ditadura? Até o sr. Fontes a fez de conta propria em 1878 infringindo conscientemente as regras estabelecidas no Cod. Adm., quando da parte do governo devia haver o maior escrupulo na sua execução, visto que tinha sido votado pelo parlamento e se tratava de o fazer cumprir em todas as suas disposições. Não foi tambem decretada em ditadura a reforma do exercito de 1884? E onde estavam então os puritanos da ultima hora, os pechosos de hoje, que veem o argueiro nos olhos do visinho e nem sequer avistam a tranca nos seus?

Sejam justos com os adversarios, se querem ter autoridade entre os seus proprios confrades. Aplaudam ou censurem; as cousas são o que são, e já agora não conseguem dar-lhes outro rumo. Debiquem, apostatem, refilem, e apregoem a sua hombridade e amor dos principios, que as conclusões serão sempre as mesmas. O paiz não os acompanha. Penitenciem se primeiro, e depois de bem expurgados de pecados, pode ser que mereçam absolvição. Até lá os ecleticos da vespera, e faciosos do dia seguinte, encontrarão na indiferença publica o corrêtivo das suas edições de máo humor, consoante a feição doentia do seu caráter partidario.

AS FORMIGAS E O FORMIGUEIRO

A Revolução de Setembro n'uma tirada de despeito contra o governo, profere as seguintes notaveis barbaridades:

«E' verdade que, além de devorarem, deitam tambem á rua muito do produto do trabalho (?) das formigas, *como aconteceu com o imposto do sal.*»

Era trabalho de formigas o imposto do sal? Disse-o a regeneração por o seu orgão semi-oficial. Mas o que a folha lisbonense ignora por certo, é que semelhante tributo era a negação da justiça, era o cumulo da imoralidade, era o transunto fiel da devassidão de uma epoca, que ficou sendo nefasta nos anaes da administração publica.

O imposto do sal, além de ser de capitação, o que o tornava intoleravel, afrontava diretamente a liberdade de comercio e o direito de propriedade. Além d'isto era preciso um exercito de guardas fiscaes para... dar carta branca ao contrabando mediante um pequeno suborno! E d'este relaxismo sabia-o o governo d'esse tempo, e as contrariedades que se levantaram nos centros de produção, conheciam-nas os ministros, pois eram informados fielmente pelos seus agentes de confiança!

Entendeu, porém, a regeneração que obstava ao contrabando descarado, diminuindo o imposto! O mal ficou existindo, mas aquele não afrouxou. Em vez dos contrabandistas ganharem 127$000 réis por barco, lucravam 155$000. Mas locupletavam-se, que era o caso, e o comercio paralisava, e o proprietario não podia mudar um grão de sal, nem sequer aplicar ao seu consumo uma pequena parte do que era seu!

Estas belezas tributarias acabaram felizmente com a ascensão do partido progressista. E como era trabalho de formigas... foi um beneficio para o publico acabar com o formigueiro, que devorava a substancia nutriente da nação, em proveito apenas dos que se entregavam ás descancras ao contrabando.

JOSÉ CRISPINIANO DA FONSECA E BRITO

Vae rareando todos os dias o numero dos bravos que ajudaram a implantar a liberdade em Portugal. Aveiro, que foi onde primeiro se levantou o grito contra a opressão e que tantos filhos sacrificou nas aras d'esta ideia sacratissima, já conserva mui poucas reliquias da grande campanha. A morte tem sido desapiedada para com elas. E um dos poucos que ainda restavam, lá foi agora, vitimado tambem.

Referimo-nos ao sr. José Crispiniano da Fonseca e Brito, que apoz um sofrimento cruciantissimo de quasi tres anos, faleceu na quinta-feira pelas sete horas e um quarto da tarde. Não nascera em Aveiro, mas foi tão longa a sua residencia aqui, eram taes os afétos que ele consagrava a esta cidade, que ela com justa razão o tinha por filho ainda que adótivo.

O sr. José Crispiniano nasceu em Ferreiros de Tendaes, antigo concelho, hoje encorporado no de Sinfães, a 24 de setembro de 1816. Quando em julho de 1832 entrou no Porto o exercito liberal, o sr. José Crispiniano achava-se ali estudando humanidades, pois assim se denominavam ... preparatorios dos cursos superiores, mas em breve trocou o *Genuense* pela espingarda do soldado. Alistando-se no bravo batalhão de voluntarios da Rainha, em cujas fileiras fez toda a campanha, entrou em varios combates, dos quaes o ultimo foi o da Asseiceira.

Terminada a guerra pela concessão de Evora-Monte, o sr. José Crispiniano volveu aos bancos das escolas, matriculando-se na *Real escola de cirurgia do Porto* (assim se denominava então a Escola Medico-Cirurgica d'aquela cidade), cujo curso completou com muita distinção.

Depois exerceu a clinica na sua terra natal onde desposou uma virtuosa dama, que bem cedo teve a desdita de perder.

Depois do golpe de Estado de 6 de outubro de 1846 exerceu as funções de administrador do concelho de Sinfães, por nomeação do governo de que era presidente o duque de Saldanha.

Vencida a Junta do Porto, o sr. José Crispiniano recebeu como premio dos seus principios cartistas e serviços prestados durante a luta a que poz termo a convenção de Gramido, a nomeação de diretor do correio d'esta cidade, logar que exerceu até 1885 em que se aposentou.

Aqui exerceu tambem largamente a clinica, mas unica e exclusivamente em beneficio dos pobres ou d'algum amigo mais intimo. Era caritativo em extremo, pois além dos soc...ros da sciencia, ministrava com mão larga esmolas aos doentes que vizitava e a sua bolsa estava sempre aberta para os pobres assim como os seus serviços medicos sempre prontos.

O sr. José Crispiniano tambem foi jornalista. Este ... ve-o pudo ainda *Campeão do Vou*... seu redator durante bastan... s, sendo seus, muitos artigos qu... publicaram sobre politica estra... foi egualmente redator do *Impar*... que se publicou n'esta cidade desde 1 de janeiro até 27 de junho de 1856, e do *Distrito de Aveiro*, antes d'este jornal suspender a sua publicação em dezembro de 1866.

Era um verdadeiro homem de bem, pois sob uma fórma ás vezes demasiado severa, ocultava uma alma nobilissima.

Sabia praticar o bem como poucos e por isso muitos bemdirão da sua memoria; sabia ser amigo e por isso os seus amigos, no numero dos quaes nos contamos, pranteiam hoje a sua morte.

A SITUAÇÃO FINANCEIRA

Pertence ao nosso colega das *Novidades* o artigo que segue:

Estão a mais de 56, e com tendencia para alta, os titulos externos de 3 por cento da nossa divida fundada. Este typo do nosso consolidado nunca atingira nos mercados estrangeiros a cotação de 55. Para se apreciar toda a importancia d'esta subida, convem recordar, que o ministerio progressista encontrou os fundos a pouco mais de 43, e com tendencias para a baixa. Assim se cumpre a profecia do sr. Franco Castelo Branco, que saudava melancolicamente a ascenção do novo gabinete, dizendo que tendo achado os f... dos n'aquele preço os deixaria a... de 40. E' verdade que o ilust... poderá replicar, que tendo diante de si larga vida, ha para que o seu melancoli... se realise!

As cotações estão ... libradas no mercado i... do externo, o que mostra que é ... as favorece. Anteriormente, havia grande margem contra a cotação... e as cotações mantinham-se com...

pras, que se faziam por conta do nosso paiz. Os capitaes, porém, que assim procuravam emprego, faltavam para auxilio ao comercio e ás industrias, que só por alto preço obtinham dinheiro. Hoje dá-se exatamente o contrario. São os capitaes estrangeiros, que veem comprar ao nosso paiz os titulos de divida publica. As nossas carteiras, tão oprimidas de papel, estão despejadas de inscrições e *bonds*. O dinheiro, é por isso, abundantissimo. D'ahi resulta o haver descido a taxa de juro a um nivel, tambem nunca visto no nosso paiz. As boas firmas encontram já desconto a 4 por cento. A melhoria de preço para os bilhetes do tesouro tem o seu natural reflexo no desconto das letras dos particulares. E' fato este de beneficios incalculaveis. Um dos elementos essenciaes, o mais valioso de todos para a nossa restauração comercial e industrial, está em ter dinheiro facil e barato. Ahi o temos!

E diane da eloquencia d'estes fatos, que se devem ás *operações bem combinadas*—aceitamos a frase—com que o governo tem sabido aproveitar e desenvolver o favor das circumstancias, ainda ha espiritos sombrios, que pintam com côres carregadas a situação financeira, e que se aargam em ponderações lacrimosas por cada balancete mensal, que o *Diario* publica! Crescem as receitas d'um modo persistente e seguro; diminuem as despezas ordinarias da administração; nenhumas despezas extraordinarias novas se decetam e efétuam, escriturando-se só aquelas, que o governo não pode suprimir porque as achou correndo ou que provem de fatos, a que a sua acção é estranha; o credito levanta-se onde nunca chegou; abunda e barateia-se o dinheiro; os capitaes estrangeiros e atropelam-se para terem emprego nas nossas grandes emprezas ou nas nossas obrigações municipaes; e ha quem veja tudo negro, e quem por tudo chore, comprazendo-se em deligurar e avolumar tudo o que póde atenuar a significação ridente d'estes incontestaveis testemunhos da nossa prosperidade!

Nda curiosa: o jornal, que principalmente sustenta essa propaganda... de melancolias (não lhe chamarenos de descredito para não o ofendermos com balda certa) é propriedade e orgão financeiro do sr. Burnay. Vae tudo muito mal; estes melhoramentos financeiros são liticios; é poeira para o vulgo; a alta dos fundos é um conluio bem combinado, e nada mais. E quando se anuncia, em concurso publico, qualquer operação financeira, municipal ou do estado; o mesmo sr. Burnay aparece pressuroso, propondo o tomar firme toda a operação, e de cada vez por um preço mais baixo que o anteriormente oferecido! Que abnegação esta! Que dedicação por este paiz assim o arrasta a querer afogar se n'uma situação financeira, tão gravemente comprometida como o seu jornal a pinta!

Felizmente, a opinião publica, dentro e fóra do paiz, sabe fazer justiça a todos. E, forte com esse amparo, o governo póde continuar a caminhar afoito.

INSTRUÇÃO PRIMARIA

Lê-se no *Diario do Governo*:

«Tendo algumas camaras municip... feito nomeações de professores para es... las de instrução primaria, sem que es... jam dotadas de casa e mobilia em con... ções aceitaveis, e sem que haja tam... habitação para os nomeados; e sendo ... cessario providenciar de modo que s... evitem, quanto possivel, os inconvenien... tes resultantes d'este procedimento, que demais contraria as benéficas disposições da lei, tanto no que respeita ao de... mento e obrigação d... referencia ... profess... rei, p... cios d... do c... consi... celhos, c... seu cargo:

I. Que lhes cumpre d... prover escola alguma das cr... riormente á execução da lei de 1878 ... m que: 1.º, e por auto de inspéção, feit... missão composta do inspéto... pétor do circulo escolar resp... facultativo do partido munic... roco da freguezia a o... ta, que o edificio ... ao exercicio ... pelo me... relação ... de jul... hai...

II. Um quadro preto de 1 metro de altura e 80 centimetros de largura.

III. Bancos para os alunos. Para cada seis alunos, quando muito, póde haver um banco de encosto com 3m,35 de comprimento, tendo por baixo da tábua de assento uma prateleira corrida para livros, papel, bonets, etc. A altura dos bancos desde o solho até á beira superior do assento gradua-se de 30 a 40 centimetros, a largura de 18 a 20 centimetros.

IV. Se os bancos não tiverem carteiras, haverá na aula mesas de 65 a 75 centimetros de altura, onde escreva a terça parte dos alunos. O comprimento das mesas deve ser calculado por modo que para cada tres alunos haja o espaço de 1m,68. N'estas mesas será colocado um tinteiro para cada dois alunos, em sitio que ambos possam tomar a tinta sem alterar a posição do corpo.

Secretaria de estado dos negocios do reino, em 7 de julho de 1871. — *José Maria de Abreu.*»

ASSOCIAÇÕES DE SOCORROS MUTUOS

O *Diario do Governo* publicou o seguinte decreto datado de 2 do corrente e expedido pelo ministerio das obras publicas:

«Artigo 1.º E' aberto no ministerio das obras publicas, comercio e industria um inquerito ás associações de socorros mutuos do paiz, por meio de um questionario dirigido tanto áquelas cujos estatutos foram aprovados pelo governo, como áquelas que porventura ainda não obtiveram essa aprovação.

Art. 2.º Fica a direção geral do comercio e industria encarregada de:

1.º Formular as instruções necessarias para o bom resultado do inquerito, fiscalisar superiormente todas as operações d'ele, e propôr ao governo tudo quanto julgar conveniente sobre o assunto;

2.º Expedir os questionarios para os diferentes distritos administrativos e recolhel-os depois de respondidos;

3.º Fazer o apuramento dos questionarios respondidos e o relatorio geral do inquerito, e proceder á publicação d'esses documentos.

Art. 3.º Em cada um dos distritos administrativos do continente do reino fóra de Lisboa e Porto, e das ilhas adjacentes, será organisada uma comissão composta do governador civil, que presidirá, e de tres vogaes por ele nomeados, á qual incumbe:

a) Requisitar á direção geral do comercio e industria o numero de questionarios de que carecer, para distribuir pelas associações de socorros mutuos do distrito;

b) Distribuir esses questionarios ás associações do distrito, recolhel-os depois de respondidos e remetel-os á direção geral do comercio e industria, acompanhados das informações que tiver por convenientes;

c) Requisitar á direção geral do comercio e industria tudo o que julgar necessario para o bom resultado do inquerito no respetivo distrito.

§ 1.º Em cada um dos bairros das cidades de Lisboa e Porto será organisada uma sub-comissão composta do respétivo administrador, que presidirá, e de dois vogaes nomeados pelo governador civil, á qual incumbe:

a) Requisitar ao governador civil o numero de questionarios de que carecer;

b) Distribuir esses questionarios ás ...ações do bairro, recolhel-os depois ... comissão ...ões

seu cargo:

I. Que lhes cumpre d... prover escola alguma das cr... riormente á execução da lei de 1878 ... m que: 1.º, e por auto de inspéção, feit... missão composta do inspéto... pétor do circulo escolar resp... facultativo do partido munic... roco da freguezia a o... ta, que o edificio ... ao exercicio ... pelo me... relação ... de jul... hai...

O Parlamento. — O numero 49.º d'este nosso apreciabilissimo colega foi exclusivamente consagrado ao nosso eminente conterraneo, e nobre presidente do conselho de ministros, o sr. conselheiro José Luciano de Castro. Traz na 1.ª pagina o seu retrato, e contém magnificos artigos da redação e de outros amigos e admiradores de s. ex.ª Tanto o trabalho material, como o literario, é primoroso. Colaboraram n'este numero os srs. Manuel Firmino de Almeida Maia (governador civil), J. E. de Almeida Vilhena (primeiro redator do *Campeão*), dr. J. M. Barbosa de Magalhães (presidente da comissão executiva e professor do Liceu), A. F. de Araujo e Silva (diretor das obras publicas), J. A. Marques Gomes (da Academia Real das Sciencias), Francisco de Magalhães (empregado de fazenda e jornalista), e Fernando de Vilhena (fiel da direção telegrafo-postal e redator do *Parlamento*).

Padroeira do reino.—Por absoluta falta de espaço temos de reservar para o n.º seguinte a noticia da festividade que em honra da Virgem da Conceição teve logar na quarta-feira na Real Egreja de Jezus, d'esta cidade.

Um voto. — O nosso patricio, o sr. José Vieira Guimarães, tendo uma filha muito mal, fez um voto a Nossa Senhora da Conceição pelas suas melhoras, que cumpriu no dia 8, mandando dizer uma missa no templo da Misericordia, á qual assistiu a filarmonica *Amisade*.

Ainda!—Prosegue a lenda. Diz-se que o fantasma continua a passear pelo largo Municipal, olhando para as ruinas do predio incendiado, e sumindo-se apenas sente o menor rumor. Ha quem suponha que é na verdade *alma penada!* Mas tambem ha quem afirme que o caso se deve exclusivamente aos remorsos d'alguem que vivo e bem vivo, anda a expiar os seus pecados de incoherencia, de inveja e de odios, tomando a divagação a horas sombrias, como principio de expiação. Pela nossa parte nem negamos, nem afirmamos.

Emenda. — Escrevemos no artigo principal do nosso ultimo n.º, que as *reformas dos serviços* fizeram subir os creditos do governo, e vae a composição transformou a fraze, engendrando umas *reformas de correios*, que ficaram ali a matar. A revisão feita sobre o joelho, não atentou na tolice e deixou-a passar.

Restabelecidas assim as cousas, deixaremos tambem a apreciação a cargo dos leitores.

Inspeção. — Continuou no dia 3, sendo bastante concorrida. Remiram-se 10 mancebos, na importancia de réis 1:800$000. Terminou hontem a inspeção na cabeça do distrito. Entraram ao todo 69 mancebos: 29 foram julgados incapazes e 38 aptos para o serviço militar. Ficaram esperados 2. Numero total das remissões, 15.

Na segunda-feira começa o serviço nas comarcas, principiando em Estarreja e seguindo-se Ovar.

Vales do correio.—Importaram em 11:260$190 réis os vales pagos no cofre central e comarcas d'este distrito no mez de novembro ultimo.

Tempo.—Corre chuvoso e frio como é proprio da estação. Folgam com isso os lavradores, que veem crescer as suas érvas e os pães semeados.

Mercado de gado.—Continúa a ter pouca procura o gado bovino. Produz este estado de cousas a falta de exportação para o estrangeiro — falta que ha muito se sente e que realiza na economia agricola do paiz um grande mal. Lavradores havia, que tiravam d'esta industria abundantes meios, meios que agora lhes faltam para ocorrer ás despezas do seu grangeio. E' mais um mal que vem afétar a primeira das industrias nacionaes.

Noticias Diversas

...a portugueza em Vigo. ...raças pelas melhoras do ...do conselho de minis... ...á Luciano de Vigo

...r-se
...se fim
...ão de
...tigamente
...da, e a sua his-
...e ser interessante pelos
...etarios que tem tido.

...so Henriques doou o palacio
...a aos inglezes que o auxiliaram
na conquista de Lisboa. No reinado de Sancho I, quinta e palacio passaram a ser propriedade dos cavaleiros da ordem de S. Tiago. D. Diniz libertou esta ordem do mestrado de Castela, e encorporou a quinta da Penha nos bens da coroa, andando quasi sempre na casa das rainhas. No dote e arrhas que D. Fernando deu a D. Leonor Teles, doou-o depois ao celebre David Negro, almoxarife das alfandegas do reino, como premio dos serviços que ele lhe prestára.

Regente do reino o mestre de Aviz, fez doação dos bens de David Negro a D. Nuno Alvares Pereira. A mulher do judeu poz embargos á doação em seu nome e no de seus filhos. A demanda durou nove anos, acabando em 1393 por uma composição, que deu em resultado ficarem os herdeiros de David Negro com os bens de Almada, e D. Nuno Alvares Pereira com os bens de Lisboa.

Mais tarde, o condestavel comprou á viuva do judeu a quinta da Penha para a juntar ás propriedades que já possuia em Almada.

Por ocasião das desavenças suscitadas entre o condestavel e o rei, desavenças que estiveram a ponto de lhe tirar todas as doações que da corôa recebera, o condestavel retirou-se para Almada, entregando-se ahi á agricultura, mandando desbravar o sitio da Penha.

Mas a intriga nem em Almada deixou estar tranquilo o condestavel; foram embargadas as obras da Penha, sendo proposto libelo, á que o condestavel teve de contestar.

Finalmente, o rei e o condestavel reconciliaram-se, por escritura de transação e amigavel composição celebrada em Lisboa a 29 de setembro de 1403, ficando D. Nuno com os mesmos bens a titulo de aforamento.

A 28 de julho de 1404, isto é, poucos mezes depois, fazia o condestavel doação d'estes e outros bens á ordem de Santa Maria do Carmo.

Foi então que a quinta da Penha passou a chamar-se do Alfeite.

Em 1697, D. Pedro comprou-a por 3:700$000 réis a Geraldo Huguer Mucem, para a encorporar na casa do infantado.

Em 1707, D. João V juntou á quinta do Alfeite a quinta da Romeira, havida por subrogação feita com o conde de Tarouca por 160$000 reis em padrão de fóros. Os demais terrenos que hoje pertencem foram adquiridos por subrogações e compras feitas no reinado de D. Miguel, que no dia 1.º de julho de 1833 arrematou por 3:600$000 reis a quinta da Piedade.

O decreto de 18 de março de 1834, que extinguiu a casa do infantado, destinou esta quinta e anexas para recreio dos reis de Portugal.

A rainha D. Maria II fez doação do palacio do Alfeite ao conde de Tomar, hoje marquez do mesmo titulo, como recompensa dos seus serviços politicos. Levantou-se na imprensa grande celeuma por causa d'esta doação, alegando-se que aquela propriedade pertencia á corôa, não podendo por isso dispor d'ela. No parlamento houve viva discussão a este respeito, e por fim ficou sem efeito a doação feita ao conde de Tomar.

El-rei D. Pedro V mandou construir no Alfeite uma nova residencia, confortavel e elegante, para substituir o antigo casarão, escoltado de pontales, que lá havia. O sr. Joaquim Possidonio Narciso da Silva, architecto da casa real, foi quem dirigiu a obra.

O almoxaritado do Alfeite compõe-se das quintas do Alfeite, Romeira, Piedade, Outeiro, Quintinha, Antelmo e Bomba; tem mais a vinha do Pagador, a Jagoa de Albufeira, os pinhaes de Corroios e do Cabral, e os moinhos do Galvão, Passagem, Capitão e Torre.

O sitio do Alfeite é dos mais pitorescos dos arrabaldes de Lisboa, não só pela opulencia da vegetação, como pela bella bahia que o Tejo ahi fórma, e pelo deslumbrante panorama de Lisboa, que lhe fica fronteira.

Alguns dos logares do Alfeite, como por exemplo o pomar do Antelmo, teem sido reproduzidos na tela por varios dos nossos mais distintos pintores modernos.

Fica proxima da quinta do Alfeite a quinta da Amora, que foi da princeza D. Maria Benedita, irmã da rainha D. Maria I, e que depois pertenceu á infanta D. Izabel Maria, sendo hoje propriedade do senhor Infante D. Augusto.

Esta quinta possue um notavel lago, cercado de bosque, e com uma ilha arborisada ao centro.

Vinho americano.—Do ultimo numero do *Jornal de Horticultura pratica*, extratamos a seguinte curiosa noticia:

«Por intervenção do sr. João Ribeiro de Mesquita recebemos uma amostra de vinho fabricado com a uva *Iabel* (*Isabela*), proveniente d'uma propriedade que sua irmã possue em Ponte da Pedra—a dous passos do Porto.

E dizemos a dous passos do Porto, porque é necessario acentuar bem esta circumstancia, para melhor se ajuizar do que vale esta casta de *Videira* como produtora direta.

E' um vinho com bastante côr, sem chegar ao tinto negro d'algumas das nossas castas (*Bastardo Alvarelhão*, etc.,) mas tanto ou mais alcoolico do que o da maior parte das variedades européas.

Ao tomar-se o gole na ante-boca sente-se um gosto levemente adstringente, e, passando ao meio da boca, essa adstringencia aumenta e passa a um picante *sui generis*, que não é desagradavel, mas que é dificil de descrever, porque, junto com o picante, vem logo na pós-boca a agulha, e simultaneamente aparece um aveludado sacharino combinado com a doçura dos frutos dos tropicos (ananaz, banana), que quasi que neutralisa as provas da ante-boca e seguintes:

Mostra-se depois um vinho muito diferente d'aquilo que apresentaram as primeiras provas; e, sobretudo desde que se ingerem alguns goles, fica-se convencido de que, apesar de ser um vinho com carater completamente diferente dos que nos são familiares, poderá entrar nas nossas mesas desde que nos habituemos a ele, o que, por certo, não será dificil.

Se considerarmos a variedade de vinhos que produz a Europa, podemos dizer que ha mais diferença entre o Bucelas e o Moscatel, entre o Chablis e o Bastardo, entre o Bordeus e o Porto do que entre o vinho Isabel e qualquer dos vinhos de pasto mais em voga.

O que nos parece é que o vinho Isabel é bom de mais para pasto, e que precisa ser tratado como vinho de lotação. Ele tem muitos pontos de contato com o Moscatel: aroma delicado, *bouquet* especial e carateristico. Quem bebe uma vez o Moscatel, fica-o conhecendo eternamente, como lhe sucede com o Isabel. E' precisamente a mesma cousa.

O que o Moscatel tem de enjoativo, e até repugnantes para certos estomagos, é o que tambem encontramos no Isabel. Mas a tudo isto se habitua o paladar, e, se fôr lotado com outros vinhos, é possivel que dê excelente resultado, como já o está dando a lotação dos vinhos d'outras castas americanas com os nossos em cima Corgo.

Alguns proprietarios do Douro já misturam as uvas das cêpas americanas com as das européas, e parece que o resultado é excelente, comquanto em rigor depois não se possa chamar a isso vinho do Porto.

Mas como o consumid... rigores, e o que não quer a... lancem materias nocivas no vinho... bebe, pouco se importa com as lotações, ou antes casamentos americano-portuguezes.

E estejam todos certos de que, pelo caminho que vae seguindo a situação do Douro e a questão das cêpas americanas, dentro de pouco tempo aquela r... estará toda ou quasi toda plantada com *Videiras* do Novo Mundo, as quaes lhe darão novamente a prosperidade de outr'ora.

Despachos de correios e telegrafos.—Verificaram-se os seguintes:

Agostinho Francisco, exonerado, como requereu, do logar de segundo distribuidor com exercicio em Lisboa.

Estevão Garcia, distribuidor supranumerario com exercicio em Lisboa, nomeado segundo distribuidor da mesma cidade.

Francisco Augusto Correia, nomeado aspirante supranumerario para o serviço de correios e telegrafos, com exercicio na direcção telegrafo-postal de Leiria.

Francisco Lopes Campos, nomeado encarregado gratuito da estação de 5.ª classe em Taveiro, concelho de Coimbra.

Transferencias militares. — Efetuaram-se as seguintes:

Para o estado maior de engenheria o capitão de engenheria José Fernandes de Souza.

Para o regimento de engenheria, o capitão do estado maior da mesma arma, Joaquim Lucio Lobo.

Para o estado maior de infanteria, o tenente-coronel de infanteria 16, Herculano de Barros e Vasconcelos.

Para caçadores 2, o capitão de infanteria 7, Manuel da Costa Cascaes.

Para caçadores 3, o major de caçadores 6, Filipe de Barros Lage e o capitão de infanteria 3, Eduardo Caetano de Sousa.

Para caçadores 6, o major de caçadores 3, Antonio Maria Celestino de Sousa.

Para caçadores 9, o tenente de infanteria 24, Antonio Teixeira Judice da Costa.

Para caçadores 12 o coronel de infanteria 24, Jeronym Cabral e Albuquerque.

Para infanteria 3 o capitão de infanteria 20, Francisco Xavier Pereira de Magalhães e o alferes de infanteria 11, José Frederico da Cunha.

Para infanteria 5, o tenente-coronel do estado maior de infanteria, João Pedro Caldeira.

Para infanteria 7, o capitão de infanteria 11, Candido Passos de Oliveira Valença.

Para infanteria 11, o alferes de infanteria 14, José Augusto Serpa.

Para infanteria 15, o tenente de infanteria 17, Joaquim Candido Correia.

Para infanteria 16, o tenente coronel de infanteria 5, Alfredo Jorge Oom.

Para infanteria 20, o capitão de infanteria 21, José Hermenegildo da Costa Campos.

Para infanteria 21, o tenente-coronel de infanteria 10, Alboim Candido de Almeida e o major de infanteria 24, Joaquim da Costa.

Para infanteria 24, o coronel de caçadores 12, Joaquim Antonio de Carvalho e Vasconcelos; o major de infanteria 21, Pedro Caldas de Barros e o tenente de infanteria 15, José Manuel Carneiro de Brito.

Para a guarda municipal de Lisboa, o tenente da guarda do Porto, Antonio Celestino Alves.

Novas de Longe

Batisado do infante D. Afonso.—No dia 30 do mez passado, batisou-se em Madrid o infante D. Afonso, filho dos infantes D. Eulalia e D. Afonso. A's nove e meia sairam do palacio que os mes... infantes habitam, na Castelhana, e ...portaram-se ao palacio real, em car... em de meia gala, o infante D. Antomé, o recemnascido e os marquezes de Valdueza. Na escada do palacio foi o novo infante recebido pela rainha regente; depois tomou-o nos braços a rainha D. Isabel e sucessivamente o rei D. Francisco, os duques de Montpensier e outras pessoas convidadas. O cardeal arcebispo de Toledo administrou ao recem-nascido sacramento do batismo, pondo-lhe os nomes de Afonso Francisco Maria Diogo. Assistiram á ceremonia a infanta D. Cristina, titulares e altos dignitarios da côrte hespanhola, o ministerio, nuncio apostolico, ministros plenipotenciarios da Austria, Portugal, Inglaterra, Alemanha, Turquia, Estados Unidos e outros, e o governador civil de Madrid. Tambem assistiu á ceremonia uma comissão de oficiaes do regimento de hussares da Princeza, a que pertence o infante D. Antonio. No regresso ao palacio da Castelhana, foi o novo infante acompanhado pelos seus padrinhos, a rainha regente e D. Francisco de Assis.

Mil e um Afonsos!—O governador civil de Madrid foi ha dias recebido em audiencia pela rainha Cristina, para lhe annunciar que desde a morte do rei até ao dia 20 do mez passado tinham sido baptisados com o nome de Afonso mil creanças. A rainha regente, comovida com este áto dos madrilenos, mandou entregar ao milesimo dos batisados com o nome de seu chorado esposo, e que é filho d'um quinquilheiro, um vestuario guarnecido de rendas, um estojo com talher de prata e uma ação de uma caixa economica, na qual a gentil soberana escreveu estas palavras: «Ao milesimo Afonso, da parte de uma mulher que dois Afonsos tornaram feliz.»

Merlati.—Diz o *Temps* que a junta medica que superintendia ao jejum de Merlati, se dissolvera no dia 1. Os medicos que faziam parte da junta já ha muito que estavam decididos a tomar tal resolução, e se a iam adiando era para que a não interpretassem como uma desaprovação ao jejum de Merlati. Apesar d'isso, o joven jejuador italiano persiste em continuar o seu jejum, e todos os membros da junta ofereceram-lhe o seu concurso pessoal para em quanto a experiencia durar. Todos os medios estão, porém, de acordo em que o jejum de Merlati só poderá durar mais tres ou quatro dias, prevendo que a anemia cerebral, levada ao estado agudo por falta de alimentação, fará terminar a experiencia pouco depois do quadragesimo dia.

ENGENHEIROS CONDUTORES

Damos em seguida a relação dos engenheiros condutores e condutores de obras publicas, a que se refere o decreto d'esta data, que passam a ter nos seus respetivos quadros as categorias, colocações e antiguidade relativa abaixo designadas:

Engenheiros condutores

(*Ordem de antiguidade*)

1 Henrique Teles Massano da Silva Amorim.
2 Manuel Carlos de Souza Brandão.
3 José Francisco Alves Barbosa Betencourt.
4 Joaquim Augusto de Macedo Freitas.
5 Caetano Maria de Amorim.
6 Dioclecíano Alberto Feio de Carvalho.
7 José Antonio Ferro de Madureira Bessa.
8 Francisco Xavier Esteves.

Condutores de 1.ª classe supranumerarios

(*Ordem alfabetica*)

1 Adolfo Guimarães.
2 Albino José Rodrigues.
3 Antonio Augusto Pereira.
4 Antonio Ludovico de Souza Homem.
5 Cesario Augusto Pinto.
6 Fortunato Anselmo Damasio.
7 Gualter de Freitas Costa.
8 João Carlos da Silva Mendes Leal.
9 João José Barreto.
10 Manuel de Matos Faria Barbosa.
11 Miguel Augusto Severo de Oliveira.
12 Miguel da Silveira Azevedo.
13 Vicente Francisco Guimarães.

Efétivos

(*Ordem alfabetica*)

Albino Acacio Correia Neves (licença ilimitada).

Angelo Sarrea de Souza Prado (idem).

Antonio Jorge Freire Junior (idem).

1 Antonio dos Santos Azevedo Magalhães.
2 Augusto Avelino Mendes da Silva.
3 Augusto Cesar de Almeida Pinto de Souza.
4 Augusto da Mota Cid.

Delfim José dos Santos Pereira (inatividade).

5 Efigenio Antonio.
6 Fernando Vitor Augusto Mendes de Almeida.
7 Frederico Augusto de Serpa.
8 Frederico Xavier de Mesquita.

Gil de Almeida Souza e Sá (licença ilimitada).

9 Henrique Candido Pereira de Araujo.

Henrique Ferreira Pinto (licença ilimitada).

Henrique Sabino dos Santos (idem).

10 Hugo Teodorico Valemcamp.
11 Hipolito Ernesto Delisle.

Jacinto Ignacio Cabral (licença ilimitada).

12 João Eduardo da Rocha Saares.
13 João Francisco Cardoso dos Santos.
14 Jorge Artur Shiapa Monteiro.
15 José Antonio Carneiro Basto.
16 José Julio Sergio.
17 José Rebelo de Andrade.
18 Miguel Augusto Ferro Bessa.
19 Tito Augusto Duarte Noronha.

Adidos

(*Ordem de antiguidade*)

1 Augusto Cesar de Figueiredo Abreu Castelo Branco.
2 João Bernardino de Sena.
3 Ildefonso Januario Borges.
4 Francisco Liberato Teles de Castro e Silva.
5 Antonio Tomaz Malheiros.
6 José Maria da Graça Correia Fino.
7 Francisco José de Oliveira Ferreira.

Augusto Cesar de Carvalho (licença ilimitada).

8 José Vitorino Damasio.
9 Joaquim Pedro Xavier da Silva.
10 Euzebio Ferreira Pinto.
11 Joaquim José Vidal Mourinha.

Condutores de 2.ª classe supranumerarios

(*Ordem alfabetica*)

1 Alexandre de Souza Pinto da Fonseca.
2 Antonio José Afonso do Nascimento Wadington.
3 Aires de Almeida Souza e Sá.
4 Eduardo Ferreira de Azevedo Lobo.
5 Francisco da Costa Nascimento.
6 Joaquim Urbano de Souza Carvalho.

José Esteves Guerra (licença ilimitada).

7 José Ferreira de Figueiredo.
8 José Maria Barreto.
9 José do Rosario.
10 Luiz Paulino Borges.
11 Maximiano Antonio Ferreira.

Efétivos

(*Ordem de antiguidade*)

1 Viriato Pampilio de Albuquerque Braga.

Adolfo Frederico Moler (licença ilimitada).

2 Joaquim Antonio de Abreu Vital.
3 Francisco José de Oliveira Chaves Pinto.
4 Albino Ferreira de Lacerda.
5 João José Nunes da Palma.
6 Alfredo Porfirio Ferreira.
7 Eduardo Antonio de Sousa.
8 Joaquim Augusto Correia Guimarães.
9 Eugenio Guedes Vaz.

Francisco Correia Leote Junior (licença ilimitada).

10 Mateus Coelho Diniz.
11 José Augusto Fragoso.
12 José Correia Pinto Ferreira.
13 Heitor Mendes Pereira Macedo.
14 Gaspar Candido Taveira.
15 José Francisco Eloy.
16 Joaquim José Boaventura Alves.
17 Ricardo de Sampaio.
18 Antonio Joaquim da Silva Ferreira.

Francisco Romano Newton (licença ilimitada).

Pedro Pereira Mousinho de Albuquerque (idem).

19 Manuel José Esteves.
20 Manuel da Silva Machado.
21 Alberto Pedro da Silva.
22 Francisco Venancio da Veiga e Cunha.
23 Antonio dos Reis.

Julio Francisco José de Souza (licença ilimitada).

24 José Gaspar de Matos.

Antonio José Vieira Coelho (licença ilimitada).

25 Henrique Pinto da Silva Pereira.
26 Justino da Silva Taveira.
27 Licinio Guimarães.
28 Bartolomeu Alexandrino da Silva Costa.

Antonio Martins Ferreira (licença ilimitada).

29 Alfredo Maximino Betancio de Almeida.
30 Leonardo Antonio Ferreira Braga.
31 José Antonio d'Oliveira Duarte.
32 Augusto da Maia Romão.
33 Manuel Antonio da Cunha Fajardo.
34 Carlos Augusto Cardoso Guedes.
35 Adelino de Freitas Magalhães.

Tomaz Lino da Assunção (licença ilimitada).

36 Joaquim José de Lima Azevedo.
37 João Batista Freire de Freitas.
38 Francisco Alves da Costa.
39 Diogo Beranguer da França Neto Junior.
40 Rufino Honorato de Menezes.

Adidos

(*Ordem de antiguidade*)

1 Francisco ...
2 Guilherme Maria Oliveira de Carvalho.
3 Antonio da Cunha de Menezes Belem.
4 Antonio Augusto de Barros Araujo.
5 Antonio Luiz de Mendonça Cabral.

Bernabé da Costa Roxo (licença ilimitada).

6 Gregorio Alves de Gouveia.
7 Jeronimo Augusto Casimiro Mena.
8 Tomaz Emidio Schiapa Pietra Ribas.
9 José Maria Pereira Junior.
10 Alipio Augusto Coelho de Sampaio.
11 Antonio Luiz Ramos.
12 Manuel Correia Machado.
13 José da Silva Dias.
14 Alfredo Betencourt e Melo.
15 João Antonio Alves de Sá.

Antonio Bandeira de Pinho e Melo (licença ilimitada).

16 Abel Maria da Mota.

Antonio Ferreira Rodrigues dos Santos (inatividade).

17 José Isidro da Silva Campos.

6

Folhetim

AMADEU ACHARD

OS HEROES DA VIDA AIRADA

IV

PASSADA A LUA DE MEL

Quando o conde se retirou, estavam os receios de Helena completamente dissipados.

D'ali Jorge seguiu em direitura para o escritorio do seu banqueiro, a quem encarregou de lhe promover a realisação do emprestimo.

O banqueiro adiantou-lhe imediatamente os cento e vinte mil francos, que a herdade das Cloyettes valia de quinhentos mil. E uma h... recebia Helena um bilhetinho ...rido acompanhando vinte ... notas, que ele lhe reme... quatorze mil que ela ...

— Ah! ...

que ele tinha estado ali a seduzir a mulher?!...

Tudo isso não passara de um conto improvisado para sortir efeito, com certo fundo de verdade, mas ampliadissimo nos acessorios.

Jorge tinha efetivamente subscrito por grande numero de ações, obedecendo n'aquele momento á febre geral de agiotagem que dominava então todos os espiritos; mas o que não havia era o tal desembolso de entrada, estando o conde como estava, pelas relações do Clube ... contato intimo ... capital ...

pensando que afinal de contas seria grande al... com Je... sorpreendê-lo por ora ...

— ... que emfim ... espirito!

E Aug... adereço, ... entrela... as ...

...ssavam ...ava na ...

...ia se- ...o mesmo na ...ordinariamente ...espesso a tapar-lhe o rosto. ...va para dentro do portão; ...va-se sem quasi dar tempo a ...ssim penetrava fugazmente ...onde de Vauvilers com a ...pidez de uma sylfide.

Helena entrou em casa do ...encontral-o palido e lugubre, ...costada ás mãos, com pena ...ira diante de si.

...ido o ...rodar do ...posição para ...ita de He-

...Deus?

...Passavam-na assim d'aquele requinte ...mo que todas as mulheres da sua ...ição, e algumas outras ainda, encon- ...m no praticar da infidelidade.

Pois ha lá nada comparavel ao prazer ...dificuldade vencida?

Por isso Augusta não podia perdoar ...de de Flize a privação d'este goso. ...das tinha-lhe jurado tacitamente, ...que ainda uma vez se havia de desforrar ...obrigando Jorge a olhar e a reparar n'a- ...quilo mesmo, que ele se vanglorava de ...o querer vêr.

...o seu gostinho de desforra, che- ...não fosse já sa-

...o mesmo na ...ordinariamente ...espesso a tapar-lhe o rosto. ...va para dentro do portão; ...va-se sem quasi dar tempo a ...ssim penetrava fugazmente ...onde de Vauvilers com a ...pidez de uma sylfide.

Helena entrou em casa do ...encontral-o palido e lugubre, ...costada ás mãos, com pena ...ira diante de si.

...ido o ...rodar do ...posição para ...ita de He-

...Deus?

...lo saltou para a trazeira, e Ar- ...overnando o carro em direção ...rrabalde de Santo Honorato, ...rincipe de Zell.

...ainda o principe não

...Por ... estas horas? pergun- ...e.

— ...tenho de casa da Augusta, res- ...o conde, e como de lá para aqui ...s dois passos...

Vauvilers era um habil comediante; sabia calcular as frases e adequal-as ao efeito.

Helena sentiu-se enternecida por aquelas palavras de Armando, e desatou a chorar, figurando-lhe no pensamento vêr já ... ente iluminado por um clarão ... quadro aterrador de um ... cadaver ensanguentado de ...

Entrecortado ... choro expiravam-lhe então nos labios mil palavras vagas e confusas.

O seu amor super-excitado pelas tormentosas agitações da sua vida exhalava-se agora todo em soluços.

Armando soube apresentar-se grave e impregnado de um mixto de paixão e tristeza, que se casava admiravelmente com a sua situação; o papel que ele tinha a representar resumia-se em poucas palavras, e essas poucas... entrecortadas por fervorosos beijos nas mãos ardentes da condessa.

Dir-se-ia um homem, a quem acabassem de levantar do campo da batalha, gravemente ferido, ou um naufrago que tentasse renascer para a vida já quasi extinta, mas sem poder ainda acreditar em tamanha ventura.

Um completo farcista!

Apenas a condessa de Flize saiu de casa do conde de Vauvilers, este deu logo ordem ao criado para lhe aprontarem o carrinho, e, depois de haver consagrado aos preparos do seu vestuario uns apuros de verdadeiro requinte, encheu as algibeiras com oiro, meteu na carteirinha doze notas de mil francos cada uma, calçou luvas brancas e partiu radiante, que ...em um deputado da oposição quando ... de derrubar o ministerio com o seu

— Dois passos, que eu no caso do conde certamente não teria dado.

— Como assim? continua ainda o capricho?

— Não diga capricho, paixão!

— Que substantivo tão ambicioso!

— Verdadeiro todavia.

— Está bem certo d'isso?

O principe de Zell fitou os olhos no conde, como se não percebesse.

— Meu caro principe, continuou Armando, é que a gente não chega muitas vezes a avaliar bem essas coisas senão já no fim; ha certos amores, que são como os vulcões: só lhes conhecemos a força depois da irrupção.

— N'esse caso, respondeu o principe, creia que trago aqui o Vesuvio solapado por baixo d'este meu colete.

— Tome conta, esse Vesuvio não lhe leve o morgado.

— Ora adeus! exclamou o principe de Zell encolhendo os hombros com gesto desdenhoso, uma provincia que me pedissem dava eu de bom grado!

— Não imagina quanto me interessa ouvil-o falar assim... porque, com franqueza, homens da sua tempera são hoje raros de encontrar, e... quer que lhe diga a verdade? estou sentindo desejos de o levar a casa de Augusta, quando mais não seja... para ter o gostinho de ver como se dá cabo de uma provincia.

— E o conde poderia fazer-me a fineza de me apresentar?

— E' coisa que só de mim depende; entretanto... confesso-lhe que estou hesitando.

— Porquê?

— Ora, porque?! respondeu o conde rindo-se; porque calculo que o rei da Prussia não enviou o principe de Zell a Pariz para lhe vir aqui perder o reino aos bocadinhos.

— Deixe-se d'isso, conde; Augusta afinal de contas não me consumirá mais do que uma parcela insignificantissima dos meus rendimentos, e fica talvez muito ancha persuadindo-se de que me devorou todo o capital.

N'isto Armando tirou da carteirinha e desdobrou sobre o marmore do fogão as notas do banco, que trazia comsigo, exclamando com certo ar de indiferença:

— A proposito... eu creio ...ao ...ncipe uns dez mil francos.

— ... o conde inc... ...vir por uma miseria d'est... ...abatido prussiano pegando ...contando-as mas, conde, ...francos a n... ...dez notas estão aqui ...

— Doza?... tem razão ...pressa tirei o dinheiro ...contar.

E com o gosto ...faz de similhantes ...notas que sobravam ...sim por demais—n...

Vauvilers ...

...a mais, não ...no. Essa apar... ...ora calculo es... ...phoha dissipa... ...suspeita no es...

E assim ... ...recursos de uma ...a segundal-o ...mente.

O principe ...tantes n'um ...ore de ...achic, e volte ...novamente sem rod... ...á sua ideia fix...

— Então diga m... ...á, conde; pass... ...contar que sou ...apresentado a Augusta.

— Mas que mania, principe!

— E' uma grande ...ra que me f...

— N'esse caso... ...apareça nos I... ...tianos sabado que vem.

— Vamos lá encontral-o...

— ...tola a certeza.

— E o conde faz-me ... ...de apresentar...

— Pa... ...acabando ... ...se ...scompan... ...a ...mais-que ...

O pr... ...to de ma... ...energia, ...do viu n'ele o presagio de a... ...mitado sobre ... Pomerania.

E n'esse ... ...sem a noite fel... ...gusta.

— Prepar... ...porque ... ...ceia o comba...

— Bem ... ...de um acontecimento.

(Continua.)